



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

ESCOLA POLYTECHNICA - ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ - ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Órgão de divulgação oficial da A³P – nº 130 – Janeiro de 2001
Largo de São Francisco de Paula, Centro, Rio de Janeiro, Telefone: 221 2936
Diagramação eletrônica: Francisco E F Ascenso – ascenso@poli.ufrj.br

EDITORIAL Pretendemos, a cada número desse Boletim, veicular informações sobre a UFRJ que recentemente por iniciativa do Professor Sebastião Amoedo, assessor especial da Reitoria e presidente da Associação dos Antigos Alunos de Comunicação, recuperou legalmente o direito de ser denominada a Universidade do Brasil, designação que nunca deveria ter perdido.

Com efeito, através do nosso nº 125 editado em maio de 1999, divulgamos alguns dados gerais da Universidade que despertaram surpresas em grande número de nossos associados. Conhecedor profundo da Universidade, o professor emérito engenheiro Carlos G. Pamplona confidencia que, a medida que evoluiu em sua extensa e brilhante carreira dentro da Academia não parou de se surpreender com as dimensões da UFRJ. Sendo assim foi considerado oportuno abrimos esse espaço em nosso Boletim para divulgarmos as atividades da Universidade tão presente na mídia pelas suas pesquisas e projetos de ponta como também pela qualidade de seu ensino. No referido nº 125 havíamos mencionado que a UFRJ conta com 3 300 docentes que lecionam para 40.000 alunos, oito hospitais que representam cerca de 50% dos leitos do Rio de Janeiro e diversos imóveis alguns dos quais de elevado valor histórico e arquitetônico como o prédio da antiga Escola Politécnica/Nacional de Engenharia no Largo de São Francisco de Paula, hoje abrigando o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, a antiga Reitoria na Praia Vermelha, o prédio do antigo Instituto de Eletrotécnica na Praça da República, o Observatório Nacional do Valongo, a Escola de Música do Passeio Público, o Hospital Escola São Francisco de Assis na avenida Presidente Vargas, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e muitos outros. A UFRJ tem quarenta e sete unidades de ensino e pesquisa e quarenta e três bibliotecas especializadas congregando mais de um milhão de títulos. O maior *campus* é o da Cidade Universitária na Ilha do Fundão onde se encontra a maior concentração e unidades além da Reitoria, dos centros de pesquisa da Petrobras, CPRM, Eletrobras, Instituto de Energia Nuclear, Incubadora de Empresas e Parque Tecnológico, além de outras instalações. É nesse *campus* que a Universidade está implantando o programa Marco Verde, conjunto de ações voltadas para educação e gestão ambiental, congregando projetos de recuperação de áreas degradadas; será efetuada a revegetação da ilha com espécies características da Mata Atlântica de baixada, restinga e mangue, resgatando-se assim uma antiga dívida ecológica causada pelo aterro que uniu nove ilhas da baía de Guanabara formando a ilha da Cidade Universitária (Ilha do Fundão). A idéia é tomar a ilha da Cidade Universitária numa das mais extensas áreas de reflorestamento urbano do país (a mais extensa do mundo é a da Floresta da Tijuca). Empresas atuentes em engenharia e preservação ambientais terão oportunidade de adotar áreas de revegetação na ilha da Cidade Universitária. O apoio ao programa será dado pelo Horto Mata Atlântica cuja concepção envolve centros de educação, pesquisa e fomento ambientais e disponibilizará plantas para recuperação de áreas degradadas, apoiando também a formação do Parque Ecológico Mata Atlântica envolvendo a implantação de um mosaico florístico e praças temáticas baseadas nos ecossistemas da baía de Guanabara.

Flavio Miguez de Mello
Presidente da A³P

Diretor Adjunto de Desenvolvimento e Extensão da
Escola Politécnica da UFRJ

OITENTA ANOS DA UFRJ Ao final do ano passado foram promovidos diversos eventos comemorativos dos oitenta anos da UFRJ. Dentro os eventos mais importantes destacou-se a exposição das principais atividades das unidades da Universidade, ocorrida na semana de 21 de novembro. A Escola Politécnica esteve presente com amplo *stand*, tendo como pano de fundo um painel ilustrativo da evolução de suas instalações. No *stand*, destaque foi dado a pesquisa do trem de levitação magnética, projeto do Departamento de Eletrotécnica. A levitação advém da força de repulsão que surge entre supercondutores e ímãs permanentes, devida à expulsão parcial do fluxo magnético do interior dos supercondutores. Devido a levitação magnética, o trem se moverá tendo como resistência de atrito somente o atrito do ar, podendo atingir velocidades superiores aos mais modernos trens atualmente em uso na Europa ou no Japão. Para promover o movimento sem haver o contato entre sólidos, o trem será tracionado por um motor linear síncrono de ímãs permanentes.

Neste evento a Escola Politécnica promoveu também um seminário sobre as novas perspectivas de utilização de fundos setoriais para desenvolvimento de inovações tecnológicas. A mostra, que despertou grande interesse da comunidade acadêmica e de pessoas externas à Universidade, contou ainda com muitas apresentações artísticas e teve a coordenação geral da Professora Engenheira Maria José Chevitarese de Souza Lima, sub-reitora de desenvolvimento e extensão.

ENGENHEIRO EMINENTE 2000 Em nossa festa de congraçamento realizada no dia 13 de dezembro passado foi homenageado o engenheiro Valério Mortara, nascido na Itália e brasileiro por opção.

Com expressiva carreira em engenharia elétrica, o engenheiro Mortara atuou nas hidroelétricas a Companhia Brasileira de Alumínio, em projetos de Fumas e Cemig, na expansão da CSN, dirigiu a engenharia da Eletrosul e tem atuado como consultor de alto nível nas últimas duas décadas. Formados pela nossa Escola tiveram o privilégio de tê-lo como professor. Em suas atividades, o engenheiro Mortara tem deixado um rastro de dignidade, competência e amizade. A homenagem foi das mais justas e contou com a participação de inúmeros amigos e admiradores.

POS-GRADUADOS PELA ESCOLA EM 2000 Encerraram-se com sucesso as edições 2000 dos cursos de pós-graduação *lato sensu* da Escola Politécnica. Esses cursos, com forte direcionamento para a prática da engenharia, propiciaram aos alunos acesso a técnicas as mais modernas. Digna de nota são as avaliações dos professores feitas pelos alunos que, mantendo-se em patamares elevados, garantem a qualidade dos cursos. Foram concluídos os seguintes cursos em 2000: Engenharia Econômica, Engenharia de Produção (este em convênio com o INT), Engenharia de Segurança do Trabalho, Gestão Ambiental (este em parceria com o Brasil PNUMA e A³P), Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia de Manutenção, Telecomunicações, Fibras Ópticas e Gerência Estratégica da Informação. Alguns desses cursos abriram duas turmas em 2000 para abrigar todos os interessados. Além desses cursos estiveram também em realização cursos de pós-graduação livres (tipo MBA) em Gestão Empresarial e Marketing (em parceria com o INDEC e o IGOPE).

A ESCOLA DE ENGENHARIA DO MEU TEMPO

A minha turma é de 1947 e, assim, freqüentei a escola entre 1943 e 1947, no tempo em que se chamava Escola Nacional de Engenharia, e situava-se no casarão do Largo de São Francisco de Paula, no centro da cidade. A Escola mudou muito nesse mais de meio século transcorrido: era muito menor, com muito menos gente, e com isso as pessoas se conheciam mais. O que também contribuía para esse maior conhecimento era o fato de que a Escola tinha uma única porta de entrada e, por isso, passagem obrigatória de todos, ao contrário do que acontece agora em que cada bloco da Escola tem sua entrada independente.

Vamos lembrar aqui alguns casos, alguns fatos, da Escola de antigamente. A Escola tinha seus tipos curiosos. Talvez o mais curioso tenha sido o *Chato*, um italiano, vendedor de gravatas, amigo de todos, e do qual pouquíssimos sabiam o nome, que freqüentou a Escola durante mais de quarenta anos – até cerca de 1955 – infalivelmente com uma pasta na mão e um horrível charuto na boca. Naquele tempo, todo mundo usava gravata, e dizia-se que para passar de ano era preciso comprar pelo menos uma gravata no *Chato*, que tinha, assim, freguesia certa. A turma de 1946, prestou uma homenagem a esse velho “colega” e no seu quadro de formatura apareceu o retrato do *Chato* e seu verdadeiro nome então revelado a todos: Vittorio Israel. Ganhou também, nessa ocasião, uma pasta de couro com uma placa de prata com os dizeres: “Ao colega honorário Vittorio Israel oferecem os seus colegas da turma de 1946.” O *Chato* exibia essa pasta a todos com muito orgulho.

O saguão de entrada, onde havia a maquete da *Ponte Paulo de Frontin*, era o ponto de encontro geral. Alguns professores passavam na Escola quase o dia inteiro, e era nesse saguão que todos se encontravam. Ainda no meu tempo, havia dois que ali faziam ponto: o saudoso Professor Luiz Caetano de Oliveira, sempre com seu charuto, e sempre pronto a acudir paternalmente e resolver os mais variados problemas que os alunos lhe apresentassem, e o Professor Octacílio Novae, uma cabeça notável, permanentemente à disposição para substituir qualquer professor que faltasse, qualquer que fosse o ano ou cadeira e do assunto da última aula. Outro antigo mestre, que fazia parte do “inventário da Escola” era o Professor Domingos Cunha, que foi, aliás, um dos pioneiros da mecânica dos solos no Brasil. Dizia-se que tinha sido construtor da pirâmides do Egito, e para as quais o Professor Caetano fizera os trabalhos preliminares de topografia.

De um desses antigos professores conta-se que tinha o hábito de repetir inúmeras vezes na aula os advérbios terminados em “mente” e a expressão “ponto de vista”, sendo costume então dos alunos fazerem um bolo de apostas para ver quantas vezes a repetição era feita. A dúvida aconteceu em uma aula ao fim da qual o Professor disse: “Na próxima aula veremos esse assunto sob um duplo ponto de vista”. A repetição valeria por uma ou por duas vezes?

Muitos fatos pitorescos aconteceram naquele velho casarão. Lembro-me de um e um certo dia em que foi anunciado uma conferência de um figurão cujo nome não me recordo. Na hora marcada, a sala estava cheia e começou a conferência. O conferencista trouxe um grande maço de papéis avulsos, que colocou sobre a mesa e de onde ia tirando um por um para ler. E depois formar uma nova pilha dos papéis já lidos. Lá pelas tantas houve uma ventania na sala, e voaram todos os papéis, os lidos e os não lidos. Muita gente ajudou a catar os papéis, mas a conferência acabou porque foi impossível colocar os papéis na ordem e separar os lidos dos não lidos, porque não estavam numerados. Foi um vexame.

Havia um sisudo Professor na antiga Politécnica que se gabava de ser um emérito descobridor de “colas”. Até que um dia um aluno o desafiou: “Ainda vou colar na sua prova, e é o senhor mesmo quem vai me dar a cola.” O Professor, claro, ficou de olho nesse aluno. No dia da prova, lá estava o mestre vigilante, quando uma pessoa desconhecida tentou entrar na sala. O Professor barrou-lhe a entrada, perguntando o que ele queria: “Quero entregar esse guarda-chuva àquele aluno”. Logo a quem! Justamente o aluno desafiante! O mestre tomou-lhe o guarda-chuva das mãos dizendo rispidamente: “Eu mesmo o entrego!” Mal sabia ele que dentro do guarda-chuva estava a “cola”. A “cola” chegou também a ser feita por outro engenhoso processo. Um grupo de alunos mais adiantados ficava no café, do outro lado da Rua Luiz de Camões. Estendia-se então um barbante desde a janela da sala da prova até o café e as questões eram enfiadas num carretel, que deslizava pelo barbante até o café. Depois de resolvidas, as questões eram devolvidas à janela pelo mesmo carretel; o professor na sala, não via nada. Houve também o caso do professor que se desentendeu com a turma por alguma razão, e os alunos prometeram a forra, o que não demorou muito: alguém descobriu uma antiga tubulação já desativada, com ambas as extremidades abertas, uma das quais no portão do prédio, e outra, por coincidência, na sala do tal professor, por traz de um armário. Feita a descoberta, um grupo de alunos se revezava no porão, a boca colada contra a extremidade do tubo, e o professor não conseguia dar aulas, porque a sala se enchia de uma cantoria misteriosa que ninguém sabia de onde vinha!

Mas os fatos pitorescos não se davam só com os professores. Certa ocasião, um aluno mais inventivo descobriu não só uma maneira de subir ao telhado da Escola, como também, o que era mais importante, que lá se avistavam perfeitamente os camarins das coristas do Teatro João Caetano, que dá para a rua que passa nos fundos da Escola. A notícia desse sensacional achado espalhou-se rapidamente, e dali há alguns dias várias dezenas de rapazes estavam encarapitados sobre o velho telhado, pondo-o até em risco de desabamento com aquela sobrecarga imprevista. Foi necessário uma providência da direção da Escola para impossibilitar essa subida e evitar um desastre.

Não sabemos quando começou: mas “trote” dos calouros era uma tradição muito antiga na velha Politécnica. Embora censurável, o trote na Politécnica nunca foi violento, sendo principalmente uma brincadeira, às vezes de mau gosto, é verdade, mas onde eventualmente até os próprios calouros chegavam a se divertir. O espetáculo era no Largo de São Francisco, reunindo sempre uma razoável multidão de curiosos e dos muitos desocupados que faziam ponto no Largo. Os calouros foram sempre “convidados” (isto é, obrigados) a pagar uma taxa, que no tempo antigo chamava-se “pau de bandeira” e destinava-se a financiar um banquete dos veteranos, ao qual dois calouros eram escalados para comparecer: sendo que um com a obrigação de comer tudo o que pusessem no prato, sem beber nada, e outro com a obrigação de beber tudo o que pusessem no copo, sem comer nada. Como conta o Professor Roberto Peixoto: “o ágape terminava sempre em batalhas de doces e salgados e os dois afortunados calouros tinham, geralmente, de socorrer os veteranos que mais se excediam nas libações”. Mais modernamente, a taxa dos calouros era dita como sendo para uma rifa da “estátua de José Bonifácio, em bom estado”, estátua essa que está até hoje no meio do Largo, em frente à escola. Cada aluno recebia o *Diploma de Burro* assinado pelo “diplomado”, com a marca de quatro ferraduras, e por um personagem importante da história.

Dessas reminiscências da Escola, não pode faltar uma referência dos bares e cafés onde a estudantada se reunia para lanchar (que para alguns era quase uma refeição), e também para festejar aprovações e reprovações: nos velhos tempos havia o *Paschoal*, o *Papagaio* e o *Café do Rio* e, posteriormente, o *Java* e o *Gibi*.

Pedro Carlos da Silva Telles
do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
da Academia Nacional de Engenharia
do Conselho Diretor da A³P

TECNOLOGIA Brasil mostra novamente sua tecnologia em barragens. A Comissão Internacional de Grandes Barragens (CIGB) é uma das mais prestigiosas associações técnicas em constante e intensa atividade. Instituída nos anos 20 promoveu importante troca de conhecimentos entre empresas, instituições e países desde a época do início do grande surto de implantação de barragens e reservatórios no primeiro mundo para diversas finalidades. Os técnicos brasileiros muito aproveitaram dessa difusão de experiências, aplicando-as no grande número de barragens construídas no País a partir dos anos 50 e, mais recentemente, deram também grandes colaborações ao desenvolvimento da técnica de projeto, construção e operação de barragens com base nos grandes empreendimentos principalmente os do setor elétrico. Já em 1966 quando iniciava a implantação de grandes hidroelétricas, o Comitê Brasileiro de Barragens (CBDB) hospedava as delegações da CIGB para uma reunião executiva realizada no Rio de Janeiro e com visitas técnicas a obras que impressionaram sobremaneira os participantes da reunião, tais como as hidroelétricas de Furnas, Estreito, Três Marias e Jupia, todas em construção na época.

Em 1982, após o grande surto de realizações no setor, o CBDB recepcionava as delegações da CIGB para outra reunião executiva, um simpósio e um congresso internacional. Mais uma vez os delegados dos outros países ficaram impressionados com o número e as dimensões de nossas obras, então em andamento, tais como, entre outras, Itaipu, Tucuruí, Emborcação e Paulo Afonso IV.

Após vinte anos desse evento em que nossas condições econômicas frearam o ritmo de implantação de novos reservatórios, o CBDB foi novamente eleito para recepcionar em 2002 a comunidade técnica internacional com uma reunião executiva e simpósio, desta vez em Foz do Iguaçu. Visitas técnicas serão realizadas a diversos empreendimentos no Brasil estendidas à Argentina, Paraguai, Chile e Venezuela. Com as intensas alterações na legislação que incluem novos modelos para o setor elétrico e de saneamento, a instalação de agências reguladoras, prin-

cipalmente a ANEEL e a ANA, a estabilização da economia, a constante evolução da demanda e a entrada de novos agentes, espera-se uma retomada na implantação de novos empreendimentos hidráulicos envolvendo barragens e reservatórios.

Nos quarenta anos de atividades do CBDB, participaram de sua bem sucedida administração diversos engenheiros e professores da Escola Politécnica e membros da A³P.

PERFIL Santos Dummont - Há exemplos de pessoas que, embora não tenham sido graduados em cursos formais, contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da engenharia. Esses exemplos, cada vez mais raros, eram mais notórios no passado quando conhecimentos tecnológicos eram pouco desenvolvidos e difundidos. Nesse sentido foram notáveis as contribuições de Alberto Santos Dummont cuja cronologia resumida foi levantada pelo nosso conselheiro Almôr da Cunha em outubro passado. Das suas principais invenções destacam-se a movimentação de balões contra o vento pela adição de motor a gasolina (Balão Santos Dummont nº 01, em 1898), dirigibilidade dos balões (Balão Santos Dummont nº 03, em 1899), dirigível (Balão Santos Dummont nº 06, em 1901), e o avião (14 Bis, em 1906). Nesse intervalo de tempo, apesar dos insucessos dos balões nº 2, 4 e 5, foram criados 14 balões (o que explica ter sido o aeroplano designado como 14 Bis). Outras invenções fazem parte do nosso dia-a-dia tais como portas deslizantes penduradas, relógio de pulso e chuva. De 1920 a 1922 Santos Dummont regressou da França ao Brasil, residindo em Petrópolis (sua casa é hoje um pequeno e muito interessante museu) e participando da vida artística, cultural e social do Rio de Janeiro acompanhando, entre outras atividades as realizações do Fluminense FC e recebendo o título de sócio honorário do Clube de Engenharia. Após retornar à Europa, passou seus derradeiros dias em São Paulo onde, em 14 de julho de 1932, lançou manifesto apoiando a Revolução Constitucionalista e nove dias depois presenciou um bombardeio aéreo ao Porto de Santos

pelos aviões governistas e, no mesmo dia, se suicidou.

Além da distinção do Clube de Engenharia e de diversas entidades européias, Santos Dummont, 27 anos após sua morte, recebeu da Força Aérea Brasileira o título de Marechal do Ar.

JUBILEU DE OURO DA TURMA 1950

Em dezembro passado foi realizada tocante solenidade no Clube de Engenharia comemorativa dos cinquenta anos e formatura da turma de 1950. A turma teve o carinho de homenagear heróis de guerra que não concluíram o curso: Zeferino Catta-Preta de Faria, já falecido e Salomão Malina que recebeu o título de Colega-Honorário.

O orador da turma foi o professor Fernando Barata, nosso ex-presidente que, após discorrer sobre a evolução econômica e política do País e os progressos da engenharia a ela associados, resumiu a atuação dos formados em 1950 e suas participações nos mais destacados empreendimentos realizados no meio século que veio a se encerrar, tendo concluído com palavras que espelham seu tão conhecido otimismo:

- "Que as novas gerações de engenheiros do Brasil prossigam, sem desfalecimento ou pessimismo imprudente, a tarefa e construção do País e aprimoramento das condições de vida de seu povo."

No dia 13 de dezembro, por ocasião de nossa festa de conagração, foi descerrada em nossa sede pelo nosso diretor Henry Uziel, integrante da turma de 1950, uma placa comemorativa do Jubileu de Ouro.

ELEIÇÃO NA FEBRAE Foi eleita a nova diretoria da FEBRAE, para o triênio 2001-2004, onde participam vários atrespianos. Ficou assim constituída a diretoria da FEBRAE:

Presidente: José de Barros Ramalho Ortigão Jr.

Vice-Presidentes: Fabio Francisco Porriño, Heleni de Mello Fonseca e Leizer Lerner

Diretores: Almor da Cunha, Carlos Roberto dos Santos Moura, Cleofas Paes de Santiago, Jorge Spítalnik, Paulo César Smith Metri, Sandra Amâncio Pereira, Volmir Selig e Walimir Antunes da Silva.

NOVO DIRETOR DE CURSOS DA A³P Por motivo de força maior o engenheiro Silvio de Souza Lima pediu seu desligamento da diretoria da A³P. Assumiu o cargo de Diretor de Cursos o engenheiro Camilo Michalka Junior que era seu Vice-Diretor. Ficou sendo esta a composição da Diretoria da A³P:

Presidente	Flavio Miguez de Mello	Diretor 2º Tesoureiro	Henri Uziel
1º Vice Presidente	Leo Fabiano Baur Reis	Diretor Técnico-Cultural	Ólavo Cabral Ramos Filho
2º Vice Presidente	José Arthur da Rocha	Vice Diretor Técnico-Cultural	Marcelo Gomes Miguez
Diretor Administrativo	David Lerner	Diretor de Cursos	Camilo Michalka Junior
Vice Diretor Administrativo	Edgard Gurgel do Amaral Arduino	Vice Diretor de Cursos	
Diretor Secretário	Helmuth Gustavo Treitler	Diretor Social	Cleofas Paes de Santiago
Vice Diretor Secretário	Carlos Eduardo Areal da Costa	Vice Diretor Social	
Diretor 1º Tesoureiro	Gehard Vasco Weiss		

ECOLOGIA NA UFRJ As várias intervenções do homem no espaço definido como novo Campus Universitário, na década de 50, não levaram em consideração os aspectos relativos à preservação do meio ambiente em razão de ausência de consciência ambiental então vigente. Tal constatação, somada ao contínuo crescimento urbano da Cidade do Rio de Janeiro, tornou urgente revisar o Plano Diretor da Ilha da Cidade Universitária, considerando os seguintes fatores: as necessidades de crescimento acadêmico e de outras funções afins integradas à vida universitária; e a definição dos limites de ocupação que favorecessem uma melhor qualidade de vida no campus. A atual Reitoria desenvolveu um conjunto de ações estratégicas com o objetivo de integrar a paisagem urbana

ao ecossistema atlântico do arquipélago original. Com estas ações espera-se promover significativa melhoria da qualidade de vida no campus, realizar o resgate da dívida ambiental da UFRJ para com a Baía da Guanabara e, ao mesmo tempo, criar um modelo de re-vegetação florestal em área urbana, com espécies da Mata Atlântica. Este modelo poderá a ser disseminado para outras cidades que se desenvolveram nos espaços deste ecossistema. Em 1945 foi decidida a implantação da Cidade Universitária num conjunto de ilhas do Estuário de Manguinhos, na Enseada de Inhaúma (rios Jacaré, Farias e Timbó). No período de 1949 a 1952, oito ilhas – Cabras, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França, Baiacu, Fundão, Catalão, Bom Jesus e Sapucaia – foram interligadas, totalizando

uma superfície de 4,8 milhões de metros quadrados para abrigar a Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Em 1959, o Presidente Juscelino Kubitschek denominou, através do Decreto 47.535, a ilha resultante da fusão do arquipélago original, de Ilha da Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Hoje a Ilha da Cidade Universitária possui um conjunto de edificações, constituindo complexos arquitetônicos que congregam 60 unidades acadêmicas, instituições afins conveniadas, setores técnicos, esportivos e administrativos da Universidade do Brasil. A malha urbana e os complexos arquitetônicos da Cidade Universitária, por onde circulam cerca de 60 mil pessoas dia ocupam 30% do território da atual Ilha da Cidade Universitária.

SOCIAIS ANIVERSARIANTES DO TRIMESTRE – Apresentamos os primeiros atrespianos aniversariantes desse novo milênio. Sob a égide de um novo tempo parabenizamos a todos, com a certeza de que o surgimento de uma nova era de profundas transformações sociais e de grandes realizações possam contribuir sobremaneira para o progresso do nosso Brasil.

Janeiro de 2001

01	Cláudia do Rosário Vaz Morgado	1987	3396 0661
	José Abdala Zide	1962	234 1989
03	Alberto Azevedo Ferrão	1955	267 9353
	Rafael Carneiro Di Bello	ASP	3393 6687
06	Décio Santos Bustamante	1944	551 6376
	Laura Correa de Sá Freire	1950	527 9527
07	Almir Ferreira da Costa	1955	225 9129
	Marconi Nudelman	1946	227 1553
08	Andreas Yamagata	2000	719 1263
09	Atílio Geraldo Vivacqua	1951	438 0275
10	Cairo da Silva Leite	1944	551 0252
	Samuel Szyglic	1961	239 9864
11	Luiz Carlos C. Rodrigues Velho	1953	553 2203
12	Omar Antonio Kristischer Filho	2000	622 9497
13	Paulo Cezar Guimarães Brandão	1964	266 6079
15	Clara Perelberg Steinberg	1946	259 7200
18	Pedro Francisco de Albuquerque	1961	572 5883
21	Dirceu Machado Olive	1966	521 4603
22	José Antônio dos Santos	1961	553 9892
	Leopoldo Spinola Bittencourt	1968	577 4417
23	Edison Zarur	1961	293 6952
25	Jacob Steinberg	1947	259 7200
26	Flávia Paulo Corrêa	ASP	523 2730
27	Ignacio de Loyola Benedito Ottoni	1952	551 7180
28	Antonio José Pires Albuquerque	1952	287 5884
	Fernando Luiz Barboza Carneiro	1934	430 6074
	José Renato Kling Cotrin	1975	254 5951
29	Anderson Braga Mendes	ASP	652 3294
	Cesar do Nascimento Monteiro	1962	240 2474
30	Milton Martins Ferreira	1948	239 6281
31	Geraldo Costa e Silva	1949	236 5349

Fevereiro de 2001

04	Edyr de Oliveira	1955	579 3004
09	João Marcos Santos Correia	2000	560 5682
	Maria Claudia e Aguiar Tourasse	1988	266 5552
10	Archimald Joseph Macintyre	1942	294 3024
	João Machado de Freitas Filho	1963	549 2629
11	Diney Tosta de Oliveira	1961	254 3656

12	Antonio Taranto	1946	281 4625
14	Hugo de Lyra Novaes	1948	225 7484
16	Alberto Xavier Bispo	1964	682 1210
	José Eduardo de Oliveira	1956	242 2669
18	Gilberto Honigbaun	1987	278 0260
	João José Giardulli	1951	11 518 6054
19	Jorge Luiz do Nascimento	1977	481 1316
	Patricia Thadeu Thomas	ASP	513 2987
	Ricardo Permabuco Backheuser	1968	3322 1293
22	Isaac Eduardo Hazan	1946	275 7112
	Jorge Martins da Silva	1955	288 4160
23	José Anibal Silva	1947	257 0309
25	Pedro Carlos da Silva Telles	1947	538 0726
	Siegfriedo Rosner Gottschalck	1961	225 2141
28	Adriana Dantas Medeiros	ASP	866 1628
	Aline Rocha Passos	2000	569 1708

Março de 2001

01	Aline de Artaujo Ferreira	ASP	438 1472
	Rozolio Guimarães de Azevedo	1944	558 5400
02	Armando Saramago Fonseca	1950	620 5052
	Roberto Iunes	1961	268 6816
03	Olavo Cabral Ramos Filho	1960	259 8721
05	Gilda Maria Teixeira Uflacker	1950	295 1133
	Olavo Martins Garcia	1946	551 0367
06	Henrique Monteiro de Barros	1965	710 9688
08	Luiz Claudio Pereira Tujal	ASP	593 262
	Sergio Octavio Lins	1949	265 1070
09	Venício de Almeida Vaz	1999	9637 5784
12	Luiz André Martini Vieira	ASP	481 4359
16	Jaime Alves Simões	1946	254 0535
18	José Augusto Juruena de Matos	1944	257 1404
19	José Carlos de Moraes	1950	294 5765
	José Lins	1944	257 9616
20	Stelio Emanuel de Alencar	1947	267 4822
	Waldon Salenque	1946	552 1767
23	Christiano Guimarães Fonseca	1963	267 2815
	Jaime Rotstein	1951	239 1850

NOVOS ASSOCIADOS - Edson Avellar, turma 1956; Sergio Amarin Rezende, turma 1971 e, aprovado em reunião e diretoria de 13/12/200, a volta de Valério Mortara, turma 1954.

FALECIMENTOS - A morte não é o fim. Antes, é a antecâmara da verdadeira vida onde colhemos os frutos daquilo que plantamos. Serve de passagem para novos planos onde há o verdadeiro crescimento ou de retorno para a correção daquilo que precisa ser corrigido. A morte não é para ser temida. É, antes, uma questão de justiça. Assim, comunicamos os falecimentos de Lione Spivak, turma de 1948, em 26/09/2000, comunicado por sua esposa em 07/11/2000 e de Fernando da Silva Cotrin, turma 1958, comunicado pelo engenheiro Jessé Cortines Peixoto em 04/12/2000.